



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FRANCISCO MARIANO DA ROCHA NETO

(depoimento)

2016

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-825

Entrevistado: Francisco Mariano da Rocha Neto

Nascimento: 05/10/1954

Local da entrevista: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do sul – Porto Alegre, RS

Entrevistadora: Gracielli Lattuada Alves

Data da entrevista: 04/07/2016

Transcrição: Gracielli Lattuada Alves

Copidesque: Gracielli Lattuada Alves

Pesquisa: Gracielli Lattuada Alves e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 13 minutos.

Páginas Digitadas: 6

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Trabalho de Conclusão de Curso de Gracielli Lattuada Alves intitulado *Maria Júlia da Rocha: um olhar sobre uma das pioneiras da dança clássica em Porto Alegre* apresentada no Curso de Licenciatura em Dança em agosto de 2016

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Data e local de nascimento de Maria Júlia da Rocha; Como Maria Júlia começou a se envolver com a dança; Relação com os pais na escolha da profissão; Relação com o marido e o filho na sua profissão; Envolvimento com a Escola de Maria Júlia; O que mais chamava a atenção na Escola; Relação de Maria Júlia com a Escola; Finalização da Escola; Considerações finais.

Porto Alegre, 04 de julho de 2016. Entrevista com Francisco Mariano da Rocha Neto, a cargo da pesquisadora Gracielli Lattuada Alves, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.A. - Inicialmente, Dr. Francisco, quero agradecer sua gentileza de conceder essa entrevista sobre sua mãe. Qual a data de nascimento de Maria Júlia da Rocha?

F.N. - 02 de maio de 1925... Ela nasceu em Porto Alegre.

G.A. - Como a Maria Júlia começou a se envolver com a dança?

F.N. - Olha, eu nunca... Eu não tenho uma recordação tão grande, mas eu sei que ela fez parece Educação Física, já dançava, e eu não sei assim exatamente a história.

G.A. - Mas ela chegou a fazer a faculdade de Educação Física?

F.N. - Acho que sim, mas também não tenho certeza disso. Mas eu sei que ela participava no IPA¹ de alguma coisa quando eu era pequeno, não tinha muita ciência disso.

G.A. - E ela recebeu apoio dos pais quando optou por dançar?

F.N. - Sim, eles eram muito... A vó era professora e o vô era um cara assim que tinha muito manual, sabia trabalhar muito com o manual, então, eles deram muito apoio, ela não teve problemas. Tanto é que se formou, abriu a Escola² pra ela, tudo tranquilo. Mas ela me dizia que era muito difícil, era uma época muito complicada e não tinha muito apoio, não era uma coisa ainda tão fácil como é hoje.

G.A. - Sim, e ela tinha irmãos?

¹ Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista.

² Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha.

F.N. - Ela teve um irmão, uma irmã, dois, acho que teve mais dois irmãos, uma irmã e um irmão.

G.A. - E como o teu pai via a profissão da tua mãe?

F.N. - Olha, nunca vi eles discutirem por alguma coisa desse tipo. Então, que eu me lembre assim do meu tempo, lá pelos 16 e 17 anos que daí ele enfartou, e ele passou a apoiar ela, acompanhar as aulas dela, e aí ele tinha mais tempo para se dedicar a isso. Mas nunca vi assim alguma coisa que ele dissesse que houvesse um atrito entre os dois por causa disso.

G.A. - Ele enfartou e acabou parando de trabalhar?

F.N. - É, ele era professor de dedicação exclusiva da UFRGS³, professor de Geologia se não me engano. Então quando ele enfartou ele teve que se aposentar, a aposentadoria foi obrigatória e aí ele praticamente ficou só com o trabalho com a mãe, aposentado. Não tinha muito, nunca teve atrito assim que eu tenha visto entre eles.

G.A. - E como que tu vias a profissão da tua mãe?

F.N. - Pois é, é um troço engraçado porque eu ficava com vergonha de dizer minha mãe é professora de *ballet* [risos]. Então tinha toda aquela coisa assim, depois não, depois aí passou, agora já ficou, mas naquele tempo era um troço meio ficar como vou dizer que minha mãe é professora de *ballet*? Era muito estranho e os caras mexiam comigo: “Tu dança?” E coisa e tal, eu ficava meio brabo, mas depois passou, depois eu venci esse preconceito e ainda era filho único, o que piorava a coisa [riso].

G.A. - E tu chegaste a frequentar a Escola?

F.N. - Claro, vamos botar assim, até mesmo eu já estava formado e eles tinham o Grupo de Dança Gaúcha, uma vez fizeram Dança Ucraniana, então eu até dancei um pouco disso aí. Depois larguei, não tinha muito interesse, era difícil. O pessoal ficava toda, eu via que eles

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ficavam o final de semana inteiro dançando e viajando. Foi a única vez assim que eu tinha, mas eu andava bastante com eles quando tinha espetáculo, essas coisas todas.

G.A. - Tu acabavas ajudando um pouco?

F.N. - É, eu tentava, porque aquilo era um meio que não era um meio que eu existia. Estava ali porque estava ali, era complicado entender aquilo. Mas depois com o tempo a gente foi acostumando, alguma coisa vai aprendendo [riso].

G.A. - E o que mais te chamava a atenção na Escola?

F.N. - Na Escola em si ou no pessoal da Escola?

G.A. - Nos dois.

F.N. – Vamos ver assim, a Escola o que eu melhor lembro é que a mãe tinha piano, tocava piano, ela era pianista. Então ela sempre vinha de manhã, às sete horas a gente estava acordando e ela estava esquentando os dedos no piano. Então era bonito, eu fui um cara privilegiado que tomei café ao som de piano tocado ao vivo, uma coisa muito fantástica. Isso me marcou muito. E depois tinha assim a ideia, as pessoas que lidam com arte têm outro nível, no sentimento, na maneira de agir, todos bem diferentes, bacana. O que mais chamava a atenção era isso. E o pessoal é assim, é outra mentalidade, não adianta, é um troço de cada um. Diferente de um operário... que as coisas vêm com a pessoa.

G.A. - Tu convivias então com o pessoal?

F.N. - Convivia. Bem tranquilo, não tinha problemas. E muita música, porque eu morava em cima da Escola. Então de vez em quando a gente podia dar uma olhada nas gurias dançando, podia dar uma olhada nas músicas, ouvir. Muito bacana.

G.A. - Que legal. E tu acreditas que a tua mãe tenha sido feliz com a Escola?

F.N. - Sim, foi a vida dela. Ela foi uma pessoa que deu sorte também com o pai, porque o pai era engenheiro, então eu imagino que a cabeça do pai por ser uma coisa assim matemática, não tinha a lógica dela que era uma coisa, vamos dizer assim, metafísica, espiritual, então bem diferente, razão e espiritualidade. Eu acho que eu não tenho assim como te dizer exatamente, mas eu acho sim, acho que ela se deu muito bem. Ela foi muito boa.

G.A. - Ela se mostrava sempre feliz em casa com a escolha?

F.N. - É, ela tinha assim... A mãe era uma pessoa que ela era nervosa assim, era difícil de lidar. Ela se dava bem com todo mundo, ela não ligava a Escola como uma empresa, então tinha sempre o problema das funcionárias, ela se envolvia muito com isso e o pai também, eles eram muito envolvidos. Mas no fim eu acho que ela foi feliz, foi até o fim da vida, foi o que levou. Sabe, eu tive duas filhas que não quiseram dançar, mas eu acho que se a mãe fosse viva faria elas dançarem. Ela tinha jeito pra isso. Ela levou o pessoal do Colégio Militar⁴ para dançar, imagina. E os caras todos viraram bailarinos mesmo, então tu imaginas, os caras criados no Militar saírem dançando na rua [risos].

G.A. - E como ela descobriu eles?

F.N. - Pois é, foi assim, uma vez teve uma apresentação que pediram pra ela fazer um Ballet de aniversário do Rio Grande do Sul, da Revolução Farroupilha. E ela fez um *ballet* e não tinha a parte masculina então ela pediu para o Exército fornecer uns caras. E aí teve uns caras que foram ficando e de militares viraram bailarinos. [risos]. É, não, ela tinha, ela chamava muitas pessoas, muita gente boa assim que terminava dançando e ela convencia. Então tu imagina. Eu acho que ela convenceu até o pai que era bom. Então, ela foi feliz.

G.A. - E o que tu pensa do rumo que tomou a Escola quando ela faleceu?

F.N. - Bom, aí é assim, eu tinha que terminar a Escola, porque, aquilo ali a gente tinha que desmontar. A única maneira era com quem estava lá dentro, já trabalhava lá dentro. Eu

⁴ Colégio Militar de Porto Alegre.

acho que foi o melhor assim que teve, ela foi se terminando. Foi sendo absorvida por algumas alunas que foram ficando, eu fui saindo de lá.

G.A. - Vocês se mudaram então?

F.N. - Isso.

G.A. - E quem escolheu a Elisa⁵ para assumir o comando da Escola?

F.N. – Não teve assim alguém que tenha dito: “Olha, tu vai lá fazer, tu vai pegar.” Foi o andar da carroça, as melancias foram se acomodando e ela foi ficando. Ela tinha sido criada com a mãe, então ela ficou. Não teve assim, vai ser tu ou não vai ser tu. Uma ordem natural, assim com o pessoal. Depois eu saí de lá, a Elisa também saiu e eu aluguei então o prédio e até que me desfiz. Mas foi assim, não teve uma programação para a coisa. Só que eu tinha que terminar assim porque tinham muitas pessoas que eram envolvidas com isso e ainda tinha que pagar as professoras, então levou esse tempo só e aí terminamos.

G.A. - Ela faleceu de câncer?

F.N. - Sim, câncer.

G.A. - Ela ficou muito tempo doente?

F.N. – Não, foi câncer de pâncreas, então mexeu, não demora muito. Então foi rápido. Ela caiu muito quando o pai morreu, uns três ou quatro anos antes, daí ela ficou mais deprimida, mas mesmo assim se ocupava com o que tinha e depois foi indo e foi degringolando. Eles eram muito juntos, viveram toda a vida, mas foi assim, não teve muita coisa.

G.A. - Tem mais alguma coisa que tu queiras acrescentar?

F.N. - Olha, eu não sei te dizer nada, mas esse papel aqui tu tem todas as informações muito mais precisas⁶ do que eu poderia te dar. Então, eu acho que ele é bem pouquinho, bem pequenininho então tu vai te basear aqui e tu vai ter uma boa informação.

G.A. - Francisco, então em meu nome e do Centro de Memória do Esporte eu gostaria de agradecer a tua disponibilidade da entrevista e vamos mantendo contato.

[FINAL DA ENTREVISTA]

⁵ Elisa Freitas Machado.

⁶ Entrevistado entrega um documento com algumas informações sobre a Escola de Ballet Maria Júlia da Rocha.